

A HISTÓRIA - DE - VIDA NA PESQUISA SOCIOLÓGICA

Este artigo tem suas origens numa pesquisa sobre relações raciais em São Paulo, realizada em 1951-52, ocasião em que fui encarregado de colher duas histórias-de-vida de negros. Como os trabalhos sobre o assunto, em geral por uma questão de perspectiva, não me valeram de muito frente a certos problemas surgidos no decorrer da pesquisa, pareceu-me oportuno relatar minha experiência, assim como algumas das reflexões que me suscitou, sobre a técnica de col ta de material para a elaboração de uma história - de-vida.

Em geral, os autores entendem por história-de-vida a coleta e ordenação das experiências de um indivíduo com o fim de conhecer e explicar o desenvolvimento de sua personalidade, sendo visível a conotação psicoló gica de suas definições. Dollard, por exemplo, compreende a história-de-vida "... como uma tentativa deliberada de definição do crescimento de u ma pessoa num meio cultural..."⁽¹⁾. De outra parte, a sociologia enquan to ciência da realidade social, toma o indivíduo (biológico e psíquico) como um dado em suas construções sobre a sociedade. Certamente, não se pode ignorar as tentativas de síntese que procuram fazer uma "ciência do com portamento humano", mas estas orientações recentes não autorizam o abando no do que se pode chamar de "posição tradicional" da sociologia: a expli cação do social pelo social. A sociologia, nestes termos, interessa-se pe la história de vida na medida em que ela possibilita o conhecimento do

(1) Dollard (John), Criteria for the life history, New Haven, Yale Univer sity Press, 1935.

meio social em que vive o indivíduo⁽²⁾, mas como é impraticável a realização de trabalhos baseados em um número de histórias-de-vida suficiente para fornecer base empírica à interpretação sociológica, elas se apresentam como um elemento de controle das interpretações feitas através de dados conseguidos por outras técnicas⁽³⁾.

Esta exposição apresenta, inicialmente, minha experiência de campo e as dificuldades que enfrentei ao coligir o material necessário para a elaboração das histórias-de-vida; propõe em seguida o modo pelo qual penso ter superado essas dificuldades, isto é, indica uma técnica de coleta de material capaz de fornecer uma história de vida da qual constem os dados necessários à pesquisa sociológica e que possa ser aplicada por pesquisador de formação sociológica, sem que se torne preciso uma equipe de especialistas

(2) Assim colocada a questão, ficam de lado problemas tais como: validade e objetividade dos dados, "critérios" (no sentido de Dollard), psicologia do entrevistado e do entrevistador. Para uma visão geral dessas questões, consulte-se: Allport (George W.), The use of personal documents in psychological science, New York, Social Science Research Council, 1942; Blumer (Herbert), Critics of research in the social sciences; I- An Appraisal of Thomas and Znaniecki's The polish peasant in Europe and America, New York, Social Science Research Council, 1939; Burgess (Ernest W.), "Discussion" (in Clifford Shaw e Maurice E. Moore, The natural history of a delinquent career, Chicago, Chicago University Press, 1938) e "Editor's preface" (in Clifford R. Shaw, The Jack-Koller, Chicago, The University of Chicago Press, 1938); Lundberg (G.A.), Técnica de la investigación social, trad. esp. de Social Research por Jose Miranda, Mexico, Fondo de Cultura Economica, 1949, esp. ps. 447-457; Nogueira (Oracy), "A história-de-vida como técnica de pesquisa", Sociologia, v. XIV, nº 1, (março de 1952) ps. 3-16; Young (Kimball), Personality and problems of adjustment, New York, Crofts, 1941, esp. ps. 250 e segs; Young (Pauline V.), Scientific social surveys and research, New York, Prentice Hall, 1939. Sobre a aplicação da técnica e coleta e elaboração dos materiais de uma história-de-vida, veja-se: Dollard (John), Criteria for the life history, op. cit. e Caste and Class in a southern town, New Haven, Yale University Press, 1937; Murray (Henry A.) e outros, Explorations in personality, New York, Oxford University Press, 1945; Shaw (Clifford), The natural history of a delinquent career, op. cit. e The Jack Roller, op. cit.; Thomas (W.I.) e Znaniecki (Florian), The polish peasant in Europe and America, v. III, Boston, Gorham Press, 1918

(3) Este papel de controle, entretanto, não é aceito por todos os sociólogos. Mesmo Thomas e Znaniecki que pretendem que as histórias de vida constituam o "tipo perfeito do material sociológico" (op. cit. v. III, p. 6), reconhecem sua limitação ao constatarem a impossibilidade de realizar trabalhos com dados fornecidos somente por histórias-de-vida, considerando esse fato como um "defeito do atual método sociológico" (op. cit. v. III, p. 7). Lundber entende que elas são muito úteis para a formulação de hipóteses de trabalho, levantando problemas cuja análise

nas diversas ciências humanas como, em última análise, o exigiria a natureza dos dados usualmente considerados como necessários para a elaboração de uma história-de-vida. (4)

Na pesquisa já referida, um dos problemas consistia em determinar quais as barreiras opostas à ascensão do negro, para conhecimento das condições de ajustamento entre negros e brancos em São Paulo, sendo utilizada para isso, juntamente com outras, a técnica de história-de-vida (5). Iniciadas as entrevistas, verifiquei não ser possível levar a cabo com êxito as histórias-de-vida, obedecendo a todas as exigências prescritas pelos autores e, em particular, aos "critérios" formulados por Dollard. Tendo em vista os interesses da pesquisa, passei a orientar as entrevistas no sentido de obter a maior quantidade possível de dados sobre as relações entre

se e interpretação devem ser feitas à base de outros dados, fornecidos por outras técnicas e suscetíveis de tratamento estatístico. Clifford Shaw usa-as como documentos que devem ser interpretados com auxílio de dados obtidos por outros meios, afirmando de se conhecer as interpretações que o próprio pesquisado faz dos diferentes fatos, passo esse de importância na "terapêutica do caso". Dollard considera a história-de-vida como capaz de fornecer o sistema de referência para a integração dos conhecimentos obtidos isoladamente pelas diversas ciências que se preocupam com o homem, pois a vida do indivíduo é o resultado de reações e estímulos biológicos, psíquicos e sociais. Limito-me a indicar em nota os diferentes papéis atribuídos à história-de-vida porque a sua discussão escapa aos limites deste artigo.

- (4) Aliás, isto está implícito na análise feita por Dollard em Criteria for the life history (op. cit.). Constata-se aí que as histórias-de-vida pecam, de modo geral, pela ausência dos critérios mais ligados ao social, quando realizadas por psicólogo, e dos relacionados mais diretamente ao psíquico, quando feitas por sociólogo: a preocupação e um e outro é conseguir material completo no tocante à sua especialidade.
- (5) Cf. Bastide (Roger) e Fernandes (Florestan), O preconceito racial em São Paulo (Projeto de estudo), São Paulo, Publicações do Instituto de Administração da Universidade de São Paulo, nº 118, 1951. esp. ps. 34-35

brancos e negros, tomando estas últimas como o eixo em torno do qual girava a vida do pesquisado.

Um dos entrevistados, pessoa de evidência nos movimentos sociais surgidos no meio negro, procurou narrar objetivamente os acontecimentos de que participou, tendo daí resultado uma verdadeira história dos movimentos negros. Fatos de ordem pessoal só apareciam na medida em que suas atitudes explicavam algo desses movimentos; por outro lado, surgiam constantemente dados sobre a estrutura social do meio negro. O sucesso obtido no caso presente, em que houve por iniciativa do pesquisado uma focalização nos fatos de ordem social, está a indicar uma possível seleção nos dados necessários para uma história-de-vida no sentido de registrar aqueles com interesse sociológico e capazes de fornecer elementos que esclareçam os problemas colocados pela pesquisa.

O outro entrevistado não me forneceu elementos que permitissem a elaboração de sua história-de-vida. Depois de algum tempo, realizadas cerca de dez entrevistas, no decorrer das quais cheguei a estabelecer com ele uma certa intimidade e a perceber alguns traços de sua personalidade, fui obrigado a desistir de levar avante a coleta de dados, uma vez que ficou patente que o pesquisado fazia uma escolha nos dados que me narrava, com o fito de tornar suas ações passadas coerentes com seus ideais e atitudes atuais. Sem dúvida, para o pesquisador preocupado com problemas de personalidade, este caso poderia apresentar interesse, mas, como meu objetivo era esclarecer determinadas questões ligadas à evolução das condições de contacto entre brancos e negros, para o que as informações do pesquisado não traziam contribuição, fui levado a abandonar sua história-de-vida. Esta experiência, confirmando a anterior, embora de modo negativo, no que concerne à natureza dos dados que interessam a uma história-de-vida tendo em vista a análise sociológica e a pesquisa que se realiza, evidencia também ser possível controlar a objetividade dos fatos narrados através do conhecimento prévio de alguns traços da personalidade do pesquisado, tornando ainda patente a necessidade do pesquisador orientar as entrevistas no sentido que o interessar, sob

pena de não chegar a obter material adequado aos fins da pesquisa.

O procedimento adotado na elaboração dessas duas histórias-de-vida trouxe, a par de uma dupla delimitação, uma ampliação que leva a ultrapassar os limites usualmente estabelecidos para uma história-de-vida. A dupla delimitação está em restringir a coleta aos dados que interessam particularmente à explicação sociológica e, em seguida, no plano específico da sociologia, ao esclarecimento dos problemas focalizados pela pesquisa. A ampliação consiste em libertar a história-de-vida da ênfase posta no desenvolvimento da personalidade, com o fim exclusivo de explicar sua organização. Consequentemente, as experiências individuais, em qualquer fase da vida, ganham significado para a explicação sociológica e o campo de interesse do pesquisador abrange a totalidade dos fatos ocorridos ao pesquisado.

O interesse central do pesquisador desloca-se da reconstrução e explicação de uma personalidade, levando em consideração os estímulos recebidos do grupo, para referir-se aos próprios estímulos, isto é, procura conhecê-los através das situações que a sociedade ofereceu ao indivíduo. A personalidade deixa de ser objeto de conhecimento, transformando-se num meio valioso de controle da objetividade dos fatos mais significativos para o sociólogo. Deste modo, fica superado para a sociologia um prejuízo estreitamente ligado às origens psicológicas da técnica em questão. Realmente, do ponto de vista das condições de ajustamento entre brancos e negros, por exemplo, é tão significativo o fato do pesquisado, um negro, não ter sido correspondido em sua mocidade no amor que dedicava a uma branca, ouvindo dela "você é muito bom... só tem um defeito, é meio escurinho" - de profundas repercussões nas suas atitudes em relação a brancos; como o fato de ter sido preterido, por ser negro, numa promoção em seu emprego, já homem feito - sem repercussões em suas atitudes, já definidas anteriormente.

Do ponto de vista da técnica de coleta de dados para a história-de-vida, esta reviravolta implica em orientar as entrevistas do sentido de obter material de interesse para a análise sociológica e capaz de contribuir

para a interpretação dos dados levantados mediante outras técnicas; permite também uma verificação das informações obtidas, uma vez que torna possível extrair delas, usando a personalidade como fator de controle, os elementos devidos à perspectiva pessoal do historiado. Praticamente, isto se fará procurando conhecer, inicialmente, os ideais e interesses do pesquisado, seja dedicando as primeiras entrevistas a conversas sobre assuntos gerais, seja discutindo sua pessoa com outras pertencentes aos grupos em que convive.

Viu-se, nessa exposição, como a história-de-vida, tendo o papel específico de fornecer dados para o controle de interpretações feitas a base de materiais colhidos através de outras técnicas, assume características diferentes das que lhe são comumente atribuídas. Assim, a referência das situações sociais vividas pelo indivíduo aos períodos sucessivos de sua existência permite uma ordenação cronológica do material; a sociologia e o objeto específico da pesquisa limitam o interesse do pesquisador a determinados fatos; a personalidade deixa de ser o objeto central de conhecimento para transformar-se num elemento de controle das informações recebidas; todas as experiências individuais, na medida em que possibilitam o conhecimento de situações sociais, ganham significado; alargando-se o campo de interesse do pesquisador para abranger o curso de toda a vida do sujeito.

Encarada nos termos deste artigo, a história-de-vida do ponto de vista da sociologia, é o relato das situações sociais vividas por um indivíduo, ordenadas cronologicamente. A ênfase posta nos estímulos sociais recebidos pelo indivíduo não implica no desconhecimento dos aspectos biológicos e psíquicos mas os transforma de objeto em meio de conhecimento.

Finalmente, a intenção deste artigo é, em última análise, ressaltar a necessidade de reelaboração de uma técnica quando tomada de outra ciência. E se implicitamente contém uma crítica a Dollard, ela explica-se em razão da diversidade entre os objetivos desse autor e os meus ~~meus~~, pois que sua preocupação era a de usar a história-de-vida numa "ciência do comportamento humano" e não especificamente na sociologia como acontece no caso presente.